

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS

DAYANE DA SILVA FLORES

**CADERNOS DO ÉDEN:
MEMÓRIAS E REGISTROS DE PAISAGENS**

Porto Alegre

2024

Dayane da Silva Flores

**CADERNOS DO ÉDEN:
MEMÓRIAS E REGISTROS DE PAISAGENS**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Artes Visuais.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Andréa Brächer

Porto Alegre

2024

CIP - Catalogação na Publicação

Flores, Dayane da Silva
Cadernos do Éden: memórias e registros de paisagens
/ Dayane da Silva Flores. -- 2024.
50 f.
Orientador: Andréa Brächer.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Artes, Curso de Artes Visuais, Porto Alegre, BR-RS,
2024.

1. Jardim. 2. Memória. 3. Livro de artista. 4.
Chlorophyll print. 5. Fotografia polaroid. I. Brächer,
Andréa, orient. II. Título.

Dayane da Silva Flores

**CADERNOS DO ÉDEN:
MEMÓRIAS E REGISTROS DE PAISAGENS**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Artes Visuais.

Aprovado em 16 de dezembro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Andréa Brächer (Orientadora)

Prof.^a Dr.^a Elaine Tedesco

Prof. Dr. Paulo Silveira

DEDICATÓRIA

A Deus, minha maior fonte de inspiração e força. E aos meus pais, Ester e Paulo Roberto Flores, por estarem sempre ao meu lado incentivando-me a estudar e a criar arte.

RESUMO

O trabalho *Cadernos do Éden: memórias e registros de paisagens* foi desenvolvido a partir da narrativa bíblica do Jardim do Éden e tem como objetivo representar a relação do ser humano com o seu *jardim* contemporâneo, utilizando o livro de artista para o registro de memórias e paisagens. A autora observa e captura, por meio de diferentes práticas artísticas, as belezas da natureza, ao mesmo tempo em que explora possíveis representações para a *queda* do ser humano nos dias de hoje. O resultado desse processo é a criação de três cadernos: o *Caderno do Éden*, que utiliza técnicas como fotografia *polaroid*, *chlorophyll print* e arte *pop-up*; o *Caderno da Terra*, que trabalha a desidratação de plantas através de uma prensa botânica, além de experimentações com sementes em papel reciclado e tintas artesanais naturais; e o *Caderno da Queda*, que registra eventos marcantes, como a enchente no Rio Grande do Sul em 2024 e as queimadas na Amazônia, que alteraram a cor do céu.

Palavras-chave: Jardim. Memória. Livro de artista. *Chlorophyll print*. Fotografia polaroid.

ABSTRACT

The work *Eden notebooks: memories and records of landscapes* was developed according to the biblical narrative of the Garden of Eden and its goal is to represent the relationship between human beings and their contemporary *garden*, using an artist's book to record memories and landscapes. The author observes and captures, through different artistic practices, the beauties of nature, while exploring possible representations for the *fall* of human beings today. The result of this process is the creation of three notebooks: the *Eden Notebook*, which uses techniques such as polaroid photography, chlorophyll print and pop-up art; the *Earth Notebook*, which works with the dehydration of plants using a botanical press, as well as experiments with seeds on recycled paper and natural handcrafted paints; and the *Fall Notebook*, which records significant events, such as the flood in Rio Grande do Sul in 2024 and the fires in the Amazon, which changed the color of the sky.

Keywords: Garden. Memory. Artist's book. Chlorophyll print. Polaroid photography.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Dayane Flores, <i>Cadernos do Éden: memórias e registros de paisagens</i>	12
Figura 2 - Hieronymus Bosch, <i>Tríptico do Jardim das Delícias Terrenas</i>	14
Figura 3 - Claude Monet, <i>Lírios d'água</i>	15
Figura 4 - Fede Ruiz Santesteban, <i>El extraño caso del jardinero</i>	16
Figura 5 - Dayane Flores, <i>Catálogo de Olhares</i>	17
Figura 6 - Dayane Flores, fotografia de uma garça branca	18
Figura 7 - Dayane Flores, garça branca em polaroid	18
Figura 8 - Dayane Flores, <i>chlorophyll print</i> de um pardal e um bem-te-vi.....	19
Figura 9 - Dayane Flores, <i>Caderno do Éden</i>	20
Figura 10 - Dayane Flores, <i>Caderno do Éden</i>	21
Figura 11 - Dayane Flores, polaroids	21
Figura 12 - Johan Remmelin, <i>Catoptrum microcosmicum</i>	22
Figura 13 - Dayane Flores, <i>Caderno do Éden</i>	23
Figura 14 - Dayane Flores, capa do <i>Caderno do Éden</i>	24
Figura 15 - Dayane Flores, <i>Caderno do Éden</i>	25
Figura 16 - Dayane Flores, cianotipia, goma bicromatada e fotografia original	25
Figura 17 - Dayane Flores, fotografia P/B do Jardim Lutzenberger	26
Figura 18 - Simone Moraes, <i>Herbário</i>	29
Figura 19 - Dayane Flores, prensa botânica	30
Figura 20 - Dayane Flores, <i>Caderno da Terra</i>	31
Figura 21 - Dayane Flores, papel reciclado com sementes de chia.....	32
Figura 22 - Andréa Brächer, série <i>No Jardim de Talbot</i> , Sem título	33
Figura 23 - Dayane Flores, <i>Caderno da Terra</i> , desenhos de hibisco, jade e insulina.....	34
Figura 24 - Dayane Flores, polaroid do céu no dia 27 de abril de 2024	36
Figura 25 - Dayane Flores, fotografias das águas subindo na Ernesto Alves.....	37
Figura 26 - Dayane Flores, fotografias do terraço e da porta de entrada do prédio	38
Figura 27 - Dayane Flores, polaroid da janela de casa para a Rua Voluntários da Pátria.....	38
Figura 28 - Sioma Breitman, fotografia da Rua Uruguai e Paço Municipal em 1941	40
Figura 29 - Dayane Flores, fotografias da Prefeitura e do Mercado Público de Porto Alegre	41
Figura 30 - Dayane Flores, polaroids da enchente de 2024.....	41
Figura 31 - Dayane Flores, fotografias da Praça da Alfândega em Porto Alegre	42
Figura 32 - Dayane Flores, <i>Caderno da Queda</i>	43
Figura 33 - Katia Prates, série <i>Paisagem: dia</i>	44
Figura 34 - Dayane Flores, caderneta	46

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	CADERNO DO ÉDEN	13
2.1	O JARDIM.....	13
2.1.1	<i>Chlorophyll print</i> e o registro da natureza.....	16
2.1.2	Polaroids	20
2.1.3	Outras experimentações.....	22
3	CADERNO DA TERRA.....	27
3.1	MEMÓRIAS DO ÉDEN	27
3.1.1	Prensa botânica.....	29
3.1.2	Sementes	31
4	CADERNO DA QUEDA	35
4.1	UMA NOVA PAISAGEM: A QUEDA DO SER HUMANO	35
4.1.1	Enchente RS 2024	36
4.1.2	Céu de cinzas.....	44
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
	REFERÊNCIAS.....	49

1 INTRODUÇÃO

Apesar de ter mais familiaridade com o desenho, entrei na universidade sem me dedicar a uma técnica artística específica, pois queria explorar um pouco de tudo. Era 2020. Lembro que tive apenas três aulas no início de março daquele ano, duas de desenho e uma de fundamentos da arte, quando, de repente, a pandemia de covid-19 começou. Com a nova realidade, o ensino remoto tornou-se a única alternativa para dar continuidade ao calendário acadêmico. Disciplinas que antes eram realizadas em ateliês, estúdios e laboratórios precisaram ser adaptadas ao ambiente doméstico de cada estudante.

Nesse cenário, comecei a desenvolver meus projetos artísticos no formato de livros e cadernos. Essa escolha se mostrou prática: não demandava muito espaço, era econômica e utilizava materiais acessíveis. Com as restrições e o fechamento do comércio, recorri ao que estava ao meu alcance e, principalmente, gratuito: a natureza. Essa adaptação acabou me apresentando à prática dos livros de artista, que passou a fazer parte do meu processo criativo.

Todo o caos gerado pela pandemia me levou a refletir sobre as diversas catástrofes que vinham acontecendo ao redor do mundo e sobre as relações humanas. Veio à minha mente a história do Jardim do Éden, onde tudo era perfeito até que, com a expulsão de Adão e Eva, a natureza e o ser humano começaram a se destruir mutuamente. Essas reflexões e analogias deram origem ao projeto que apresento aqui.

Inicialmente, imaginei criar três livros: *Livro da Terra*, *Livro do Céu* e *Livro da Queda*, baseando-me no simbolismo do número três, que reflete o ciclo da vida: nascimento, existência e morte, e representa, em diferentes culturas, harmonia e equilíbrio. Contudo, ao desenvolver as primeiras páginas, percebi que o *Livro do Céu* não se conectava bem com os outros. Decidi então repensar o projeto, abandonando essa parte e focando no jardim e no ser humano. Também optei por "caderno" no lugar de "livro", pois a palavra transmite um caráter mais íntimo e pessoal. Essa mudança, porém, me levou a questionar se estava criando um caderno ou um livro de artista.

Em conversa com minha orientadora, professora Andréa Brächer, ela sugeriu a leitura do livro *A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista*, de Paulo Silveira (2008). Nesse livro, o autor diz que “O livro de artista é uma categoria (ou prática) artística que desenvolve tanto a experimentação das linguagens visuais como a experimentação das possibilidades expressivas dos elementos constituintes do livro ele mesmo” (Silveira, 2008, p. 77). Ele também aborda o conceito de livro-objeto, que geralmente é uma peça única, muitas vezes escultórica, que remete ao formato tradicional do livro (Silveira, 2008, p. 31).

Ainda nesse contexto, pude conversar com o professor Paulo Silveira, que sugeriu que eu lesse a dissertação de mestrado de Marcelo Eugênio Soares Pereira (2015), intitulada *Acumular tesouros: um olhar sobre os cadernos de desenho*. Pereira descreve o caderno de artista como um espaço pessoal de registro de ideias, rascunhos e experimentações. Ele funciona como um diário ou laboratório, permitindo ao artista testar técnicas ou anotar inspirações, sem necessariamente criar uma obra finalizada, mas documentando o processo artístico.

Essas leituras ampliaram minha percepção sobre o que eu estava criando, levando-me a concluir que meu trabalho dialogava com os três formatos. Independentemente da nomenclatura, meu objetivo é que esta experiência inspire outros artistas e contribua para a valorização dessas práticas.

Assim nasceu o projeto *Cadernos do Éden: memórias e registros de paisagens*. Inspirado na narrativa do Jardim do Éden, o trabalho utiliza três cadernos para explorar a relação entre humanidade e natureza. Cada caderno assume um papel simbólico e único: o *Caderno do Éden*, apresentado no capítulo 2, aborda nosso "jardim" contemporâneo por meio de diversas técnicas artísticas. Ele remonta à história bíblica do Jardim do Éden e discute o conceito de jardim ao longo do tempo, seus significados e representações na arte, incluindo obras de Hieronymus Bosch e Claude Monet. O caderno também apresenta a técnica de *chlorophyll print*, destacando o trabalho do artista Fede Ruiz Santesteban ([entre 2012 e 2016]), que utilizou o jardim de sua família, carregado de memórias, como inspiração. Além disso, explora a fotografia polaroid, desenvolvida por Edwin Robert Land, e a engenharia do papel, ou arte *pop-up*, inicialmente usada em manuais de medicina e livros de astrologia, com destaque para o *Catoptrum microcosmicum*¹, de Johan Remmelin.

O *Caderno da Terra*, apresentado no capítulo 3, reúne plantas desidratadas e catalogadas, funcionando como uma reflexão sobre o que ainda possuímos e o que estamos em risco de perder. Nesse caderno, compartilho memórias de infância e discuto o conceito de memória a partir do texto de Cristina Rauter (2000) *A memória como campo intensivo: algumas direções a partir de Deleuze, Nietzsche e Proust*. Também apresento o trabalho *Herbário*, da artista Simone Moraes (2017), e minhas experimentações com a prensa botânica. Além disso, desenvolvo papéis reciclados com sementes de chia, decorados com desenhos de flores e pintados com tintas artesanais, conectando esse processo ao projeto *Desenhos de Sal em*

¹ Fonte: site oficial da Biblioteca Nacional da Espanha. Disponível em: <https://www.bne.es/es/blog/blog-bne/joyas-de-los-libros-moviles>. Acesso em: 30 nov. 2024.

Variações Photogênicas, realizado em 2018 pelo *Grupo Lumen*, através da técnica do *photogenic drawing*, criada por William Henry Fox Talbot.

Por fim, o *Caderno da Queda*, apresentado no capítulo 4, traz representações da queda do homem na atualidade. Nesse caderno, abordo a paisagem como símbolo das relações humanas com o entorno, fundamentada na visão de Anne Cauquelin (2014) no livro *A Invenção da Paisagem*. Faço menção ao livro *Diário da Queda*, de Michel Laub (2011), que trata os traumas como quedas, e compartilho minhas vivências durante a enchente no Rio Grande do Sul em 2024, através de registros fotográficos, inspirada pelo trabalho de Sioma Breitman, conhecido pelos seus registros da Grande Enchente de 1941. Também abordo as queimadas na Floresta Amazônica em 2024, que modificaram a cor do céu, trazendo o trabalho da artista e professora Katia Prates (2004) *Paisagens: imagens sob corte*, onde ela explora recortes do céu e sua tonalidade azul.

Por meio desses Cadernos (Figura 1), busco despertar reflexões sobre nosso papel como guardiões da natureza e a urgência de preservá-la antes que se torne apenas uma memória.

Figura 1 - Dayane Flores, *Cadernos do Éden: memórias e registros de paisagens*



Fonte: Dayane Flores, 2024.

Nota: *Cadernos do Éden: memórias e registros de paisagens*. Livro de artista. Coleção privada.

2 CADERNO DO ÉDEN

A ideia para o *Caderno do Éden* surgiu da conexão entre a história bíblica do Jardim do Éden e a relação do ser humano com a natureza que o cerca. Essa história, presente no livro de Gênesis (Bíblia [...], 2015), apresenta o relato da criação dos céus e da terra, do homem e da mulher, da queda de Adão e Eva e da corrupção da humanidade em decorrência do pecado. A relação entre o homem e a natureza é enfatizada nesse contexto, destacando nossa origem terrena, como descrito no seguinte trecho:

Então, formou o Senhor Deus ao homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente. E plantou o Senhor Deus um jardim no Éden, na direção do Oriente, e pôs nele o homem que havia formado (Bíblia [...], 2015, Gn 2, 7-8, p. 4).

Adão e Eva recebem a missão de cuidar do Jardim e nomear os animais, reforçando o vínculo de responsabilidade e interação com a natureza:

Tomou, pois, o Senhor Deus ao homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar. E o Senhor Deus lhe deu esta ordem: De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás. Disse mais o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea. Havendo, pois, o Senhor Deus formado da terra todos os animais do campo e todas as aves dos céus, trouxe-os ao homem, para ver como este lhes chamaria; e o nome que o homem desse a todos os seres viventes, esse seria o nome deles (Bíblia [...], 2015, Gn 2, 15-19, p. 4).

Logo, o *Caderno do Éden* se tornou meu espaço de criação, onde realizo diferentes experimentações artísticas com o objetivo de ilustrar o que seria o nosso Éden nos dias de hoje: tal como no princípio o Criador moldou o Seu jardim, eu também o faço aqui.

2.1 O JARDIM

O jardim, ao longo da história, tem sido mais do que um simples espaço verde. Ele carrega um significado profundo e simbólico em diversas culturas e áreas de conhecimento. Como mencionado anteriormente, o Jardim do Éden representa o estado original da humanidade, um paraíso onde reinava a perfeição, a paz, a harmonia e a inocência. É o símbolo da conexão entre o homem e Deus. Os Jardins Suspensos da Babilônia eram um símbolo do poder, da riqueza, da exuberância e beleza da civilização: um oásis no deserto.

Na arte, o jardim sempre foi tema recorrente nas obras de diferentes artistas. O *Jardim das Delícias Terrenas*, tríptico de Hieronymus Bosch (Figura 2), é uma alegoria complexa que explora temas como o pecado original, a tentação e a natureza humana. O jardim, nesse caso, é um espaço ambíguo, onde o prazer e o pecado se entrelaçam.

Figura 2 - Hieronymus Bosch, *Tríptico do Jardim das Delícias Terrenas*



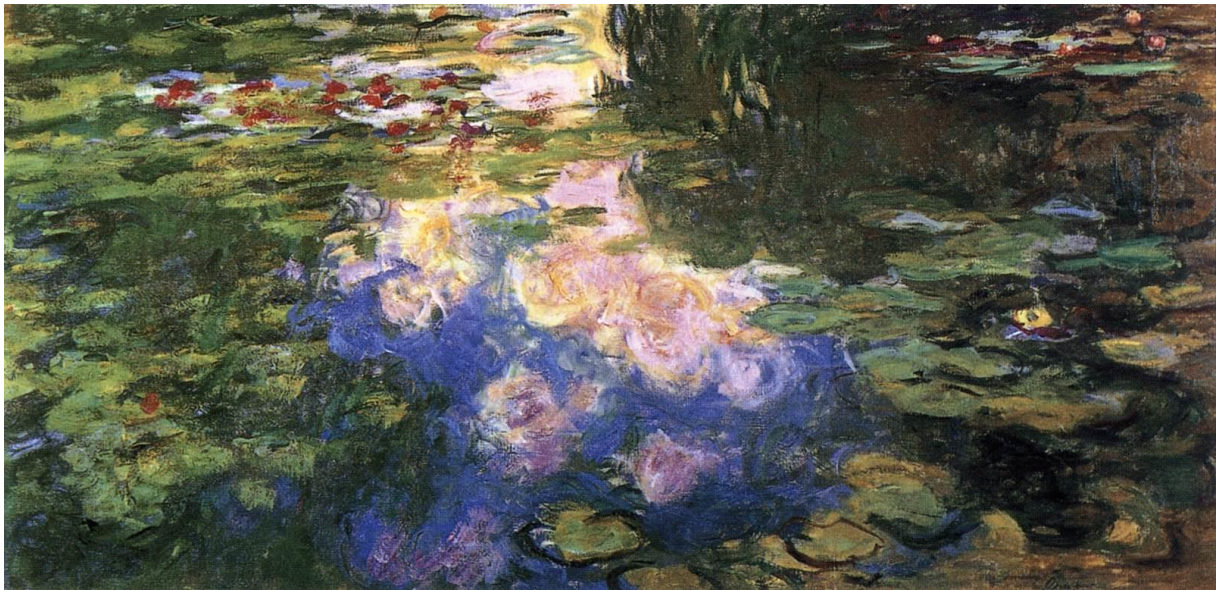
Fonte: Hieronymus Bosch, c. 1500².

Nota: *Tríptico do Jardim das Delícias Terrenas*. Óleo sobre painel, painel central: 220 x 195cm, asas: 220 x 97cm. Museu do Prado, Madrid.

Os jardins de Claude Monet em Giverny, França, foram fonte de inspiração constante para o pintor impressionista, que os considerava sua verdadeira obra-prima. Monet plantou diversas flores ao longo dos anos, especialmente lírios d'água (Figura 3), que viraram seus favoritos.

² Imagem retirada de *Web Gallery of Art*. Disponível em: https://www.wga.hu/index_search.html. Acesso em: 01 dez. 2024.

Figura 3 - Claude Monet, *Lírios d'água*



Fonte: Claude Monet, 1919³.

Nota: *Lírios d'água*. Óleo sobre tela, 100 x 200 cm. Coleção privada.

O jardim também se revela como uma oposição à desordem selvagem, destacando a figura do jardineiro como aquele que organiza, cuida e molda o espaço conforme sua vontade. Anne Cauquelin (2014, p. 10), em *A Invenção da Paisagem*, descreve: “[...] murado, pormenorizado, específico, ele evoca e invoca uma natureza trabalhada, à qual corresponde um trabalho de jardineiro, passo a passo, se me é permitido dizê-lo”.

Essa relação de cuidado também é evidenciada no livro de Cânticos:

[...] Jardim fechado és tu, minha irmã, noiva minha, manancial recluso, fonte selada. Os teus renovos são um pomar de romãs, com frutos excelentes: a hena e o nardo; o nardo e o açafreão, o cálamo e o cinamomo, com toda a sorte de árvores de incenso, a mirra e o aloés, com todas as principais especiarias. És fonte dos jardins, poço das águas vivas, torrentes que correm do Líbano! (Bíblia [...], 2015, Ct, 4, 12-15, p. 628).

Nessa passagem, o jardim é usado como uma metáfora para a amada, simbolizando delicadeza, proteção e abundância.

³ Imagem retirada de *Web Gallery of Art*. Disponível em: https://www.wga.hu/index_search.html. Acesso em: 01 dez. 2024

2.1.1 *Chlorophyll print* e o registro da natureza

Durante a disciplina Tópicos Especiais em Fotografia II, ministrada em 2023 pela professora Andréa Brächer, conheci o trabalho do artista uruguaio Fede Ruiz Santesteban. Santesteban utiliza técnicas de fotografia sustentáveis e de baixo custo, com grande reconhecimento por sua obra *El extraño caso del jardinero*, desenvolvida entre 2012 e 2016. Essa obra emprega a técnica de *chlorophyll print*⁴, que consiste na impressão de imagens fotográficas em folhas naturais através da ação da fotossíntese (Figura 4). O artista trabalha com as folhas do jardim da família, um local repleto de memórias, registrando o crescimento e desenvolvimento de seu primeiro filho e revelando a passagem do tempo.

Senti uma forte conexão com esse trabalho, pois ele aborda a questão da memória e a narrativa fantasiosa, elementos que explorei amplamente durante o curso de artes visuais e que também incorporo no atual projeto, *Cadernos do Éden*. Como bem mencionado por Fernando Siccó, na página oficial do artista:

O principal sucesso de sua proposta talvez seja sintetizar uma abordagem honesta como artista, comprometido com sua jornada pessoal, com o uso de uma técnica original e trabalhosa. E fazê-lo, além disso, levantando temas que têm ecos inegáveis de universalidade como a relação entre gerações e a importância do jogo e da fantasia como aliados para recuperar vínculos essenciais que nos tornam humanos (Siccó, [201-?]. Tradução nossa).

Figura 4 - Fede Ruiz Santesteban, *El extraño caso del jardinero*



Fonte: página oficial do artista⁵.

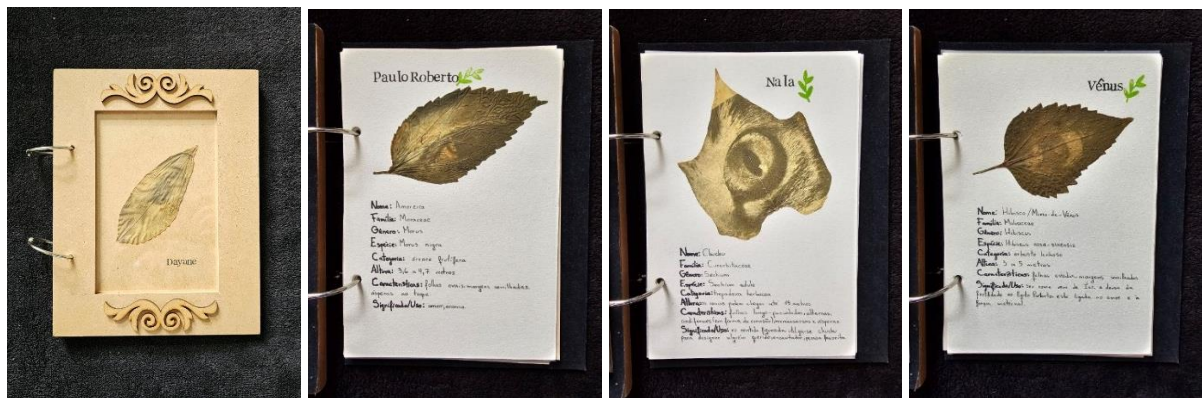
⁴ Desenvolvida pelo fotógrafo vietnamita Binh Dan, essa técnica orgânica consiste em posicionar um positivo fotográfico sobre uma folha natural e expô-los à luz solar. Por meio do processo de fotossíntese, a imagem é transferida do positivo para a folha.

⁵ Disponível em: www.federuizsantesteban.com. Acesso em: 01 dez. 2024.

Nisso, construí um livro utilizando a mesma técnica. O projeto nasceu a partir da minha fobia social, transtorno que desenvolvi há alguns anos e que me faz temer ser observada pelas pessoas. Nele, decidi fotografar os olhos de pessoas e animais importantes para mim, aqueles que, de alguma forma, têm me ajudado a superar esse medo. Meu objetivo não era registrar o medo, mas o amor e o cuidado que recebo deles.

Cada página do caderno incluía uma breve descrição da espécie da folha escolhida para a impressão e sua conexão simbólica com a pessoa ou o animal registrado, seguida pela imagem do olho impressa (Figura 5). Com o tempo, as imagens desapareceriam, simbolizando o que eu almejava emocionalmente: o desaparecimento do medo.

Figura 5 - Dayane Flores, *Catálogo de Olhares*



Fonte: Dayane Flores, 2023.

Nota: *Catálogo de olhares*. Livro de artista, *chlorophyll print*, caneta nanquim e grafite em papel, 22 x 19 cm. Coleção da artista.

Durante uma das minhas visitas ao Parque Farroupilha⁶ (Redenção⁷), em Porto Alegre, levei comigo uma pequena câmera polaroid e meu celular, com a intenção de fotografar a paisagem do local. Enquanto explorava, avistei uma garça branca próxima a um dos lagos e, para minha sorte, consegui me aproximar sem assustá-la, o que me permitiu capturar diversas fotografias com ambos os dispositivos (Figuras 6 e 7).

⁶Também conhecido como “Parque Redenção”, é um espaço bastante popular entre os gaúchos. Com cerca de 10.000 árvores de diferentes espécies, que cobrem uma área de aproximadamente 35 hectares. Para mais informações, acesse: <https://prefeitura.poa.br/smamus/parque-farroupilha-redencao>. Acesso em: 20 nov. 2024.

⁷“Redenção” tem origem no latim, *redemptio*, *-onis*. Significa ato ou efeito de redimir, resgatar ou de libertar de qualquer forma de escravidão ou opressão. Na teologia, simboliza o resgate do ser humano por Jesus Cristo. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=reden%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 22 dez. 2024.

Figura 6 - Dayane Flores, fotografia de uma garça branca



Fonte: Dayane Flores, 2024.

Nota: Fotografia, 3000 x 4000. Coleção da artista.

Figura 7 - Dayane Flores, garça branca em polaroid



Fonte: Dayane Flores 2024.

Nota: Polaroid, 5,4 x 8,6 cm. Coleção da artista.

A partir dessa experiência, resolvi explorar novamente a técnica de *chlorophyll print*, utilizando imagens de algumas aves bem comuns da minha cidade, como o João-de-Barro, o Bem-te-vi e o Pardal (Figuras 8 e 9). Graças ao meu projeto anterior, *Catálogo de Olhares*, já sabia quais tipos de folhas apresentavam melhores resultados para a impressão das fotografias, que eram: boldo, manacá-de-cheiro, amora, hibisco e limoeiro. Realizei várias tentativas, e obtive imagens mais nítidas nas folhas de boldo. O tempo de exposição ao sol variou, pois estávamos em outubro e o clima era instável. Algumas folhas ficaram expostas por 2 horas, outras por 4 horas e, em alguns casos, até 5 horas.

Figura 8 - Dayane Flores, *chlorophyll print* de um pardal e um bem-te-vi



Fonte: Dayane Flores, 2024.

Nota: *Chlorophyll print* de um pardal e um bem-te-vi. *Chlorophyll print* em folhas de boldo. Coleção da artista.

Figura 9 - Dayane Flores, *Caderno do Éden*



Fonte: Dayane Flores, 2024.

Nota: *Caderno do Éden*. Livro de artista, 30 x 21,3 cm. Coleção da artista.

2.1.2 Polaroids

A fotografia Polaroid⁸ surge no ano de 1943, quando Edwin Robert Land cria o primeiro modelo de câmera, após sua filha lhe perguntar por que não poderia ver as fotografias no momento em que eram tiradas. Esse tipo de câmera utiliza basicamente um sistema integrado de captura e revelação instantânea de imagens, utilizando filmes fotossensíveis especiais⁹.

Hoje em dia, a fotografia polaroid é apreciada como uma forma retrô de capturar momentos únicos e pessoais, frequentemente exibida em murais de recordações ou incorporada em livros de colagens. Esse caráter exclusivo era exatamente o que eu buscava para o meu projeto artístico. Diferente da reprodução infinita das imagens digitais, a polaroid valoriza a individualidade de cada memória, carregando um valor sentimental que vai além do que é visível.

⁸ Mais informações em: <https://revistacontinente.com.br/edicoes/202/polaroid--os-70-anos-da-fotografia-instantanea>. Acesso em: 28 nov. 2024.

⁹ Ao abrir o obturador, a luz entra pela lente e atinge o filme, que contém camadas químicas sensíveis à luz para registrar a imagem. Após a exposição, o filme passa por rolos internos que espalham uma pasta química entre suas camadas, iniciando o processo de revelação. Em poucos minutos, surge uma foto pronta, sem a necessidade de um laboratório externo.

No *Caderno do Éden*, procurei registrar flores, lagos e arvoredos (Figuras 10 e 11). Utilizei o modelo de câmera Fujifilm Instax Mini 40, com filmes medindo 5,4 x 8,6 cm. No entanto, esse modelo não permite controlar muito bem a exposição à luz. Em algumas fotos, a luz ficou superexposta, em outras, subexposta. Ainda assim, várias capturas surpreenderam positivamente, revelando imagens muito bonitas.

Figura 10 - Dayane Flores, *Caderno do Éden*



Fonte: Dayane Flores, 2024.

Nota: *Caderno do Éden*. Livro de artista, 30 x 21,3 cm. Coleção da artista.

Figura 11 - Dayane Flores, polaroids



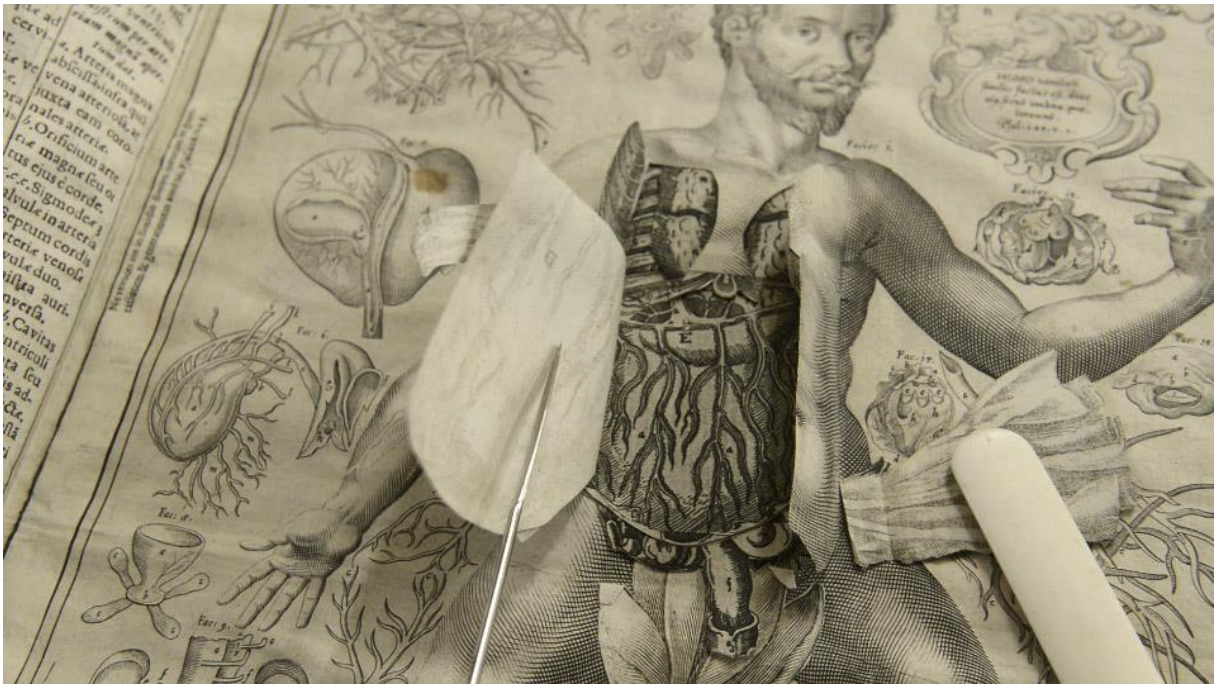
Fonte: Dayane Flores, 2024.

Nota: Polaroids, 5,4 x 8,6 cm. Coleção da artista.

2.1.3 Outras experimentações

Como aprecio diversas formas de arte, foi difícil limitar-me a apenas uma para este trabalho. O caderno de artista, porém, me permitiu integrar diferentes práticas artísticas em um único suporte. Entre essas práticas, a engenharia do papel, ou arte *pop-up*¹⁰, acabou sendo uma escolha importante. Essa técnica tridimensional de dobradura surgiu inicialmente em manuais de medicina e astrologia, como o *Catoptrum microcosmicum*, de Johan Remmelin (Figura 12), mas com o tempo passou a ser utilizada em livros infantis para estimular a imaginação e promover interatividade.

Figura 12 - Johan Remmelin, *Catoptrum microcosmicum*



Fonte: Johan Remmelin, 1619.

Nota: *Catoptrum microcosmicum*, 45 x 33 cm. Biblioteca Nacional da Espanha¹¹.

¹⁰ Mais informações em: <https://www.domestika.org/pt/blog/3866-uma-breve-historia-dos-livros-pop-up>. Acesso em 30 de nov de 2024.

¹¹ Imagem retirada do site oficial da Biblioteca Nacional da Espanha. Disponível em: <https://www.bne.es/es/blog/blog-bne/joyas-de-los-libros-moviles>. Acesso em: 30 nov. 2024.

Desde criança, sempre gostei de dobraduras e já havia experimentado criar um livro *pop-up* durante o ensino médio, o que me ajudou a construir as páginas deste caderno. Mesmo assim, busquei alguns tutoriais para tornar o projeto mais rico, explorando não apenas a estética, mas também a profundidade simbólica das páginas repletas de camadas e imagens que saltam aos olhos (Figura 13).

Figura 13 - Dayane Flores, *Caderno do Éden*



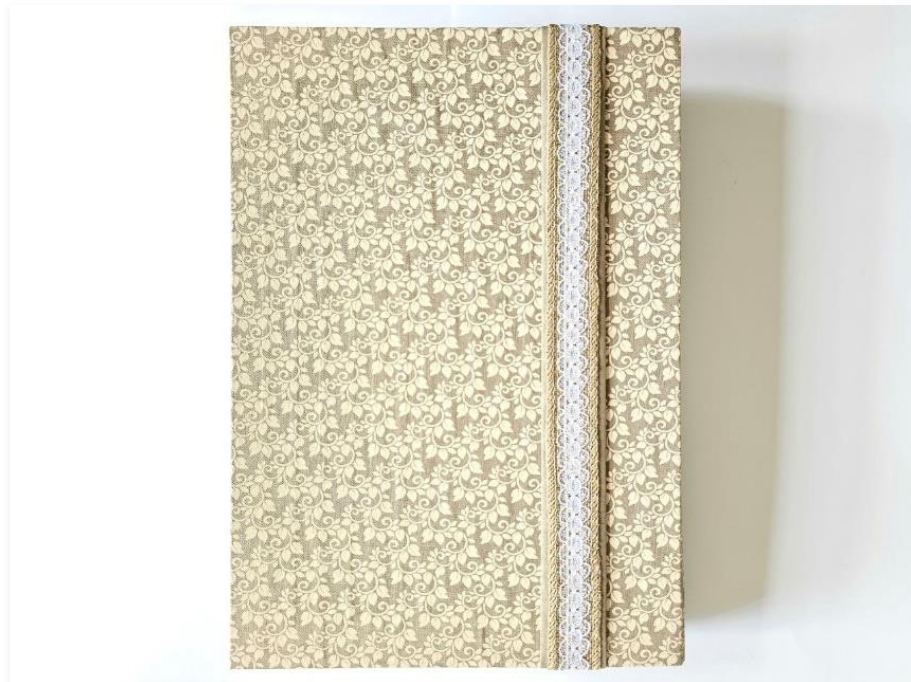
Fonte: Dayane Flores, 2024.

Nota: *Caderno do Éden*. Livro de artista, 30 x 21,3 cm. Coleção da artista.

Fiz alguns desenhos de flores e árvores usando lápis Conté à Paris, grafite, caneta gel e nanquim. Também experimentei carimbar folhas naturais nas páginas, utilizando tinta aquarela não diluída.

Durante a disciplina de Laboratório de Processos Fotográficos, ministrada pelo professor Luiz Achutti, tive a oportunidade de trabalhar brevemente com as técnicas de cianotipia¹² e goma bicromatada¹³. Produzi duas fotografias usando essas técnicas, as quais incluí no caderno (Figuras 14, 15 e 16) pois se relacionavam com a presente pesquisa. Além disso, adicionei a fotografia original (Figura 16) que usei para revelar a imagem em goma bicromatada e uma fotografia em preto e branco (Figura 17) que tirei de uma das banheiras do Jardim Lutzenberger¹⁴, na Casa de Cultura Mário Quintana.

Figura 14 - Dayane Flores, capa do *Caderno do Éden*



Fonte: Dayane Flores, 2024.

Nota: *Caderno do Éden*. Livro de artista, 30 x 21,3 cm. Coleção da artista.

¹² É uma técnica manual de impressão fotográfica que usa duas soluções: uma com água e citrato férrico amoniacal de sais verdes, e outra com água e ferrocianeto de potássio. Essas misturas podem ser aplicadas em superfícies como papel, tecido, madeira, cerâmica ou vidro. Sobre o material preparado, colocamos um negativo de filme ou uma transparência e expomos à luz solar ou luz UV. Depois, lavamos com água e usamos água oxigenada para intensificar o tom azul característico.

¹³ Essa técnica manual de impressão fotográfica combina uma solução de bicromato de potássio, goma arábica e um pigmento colorido. A mistura é aplicada em papel aquarela ou tecido, e sobre ela colocamos um negativo de filme ou uma transparência. Em seguida, expomos à luz solar ou luz UV. Após a exposição, o material é lavado em água para remover o pigmento em excesso e a goma arábica, revelando a imagem final.

¹⁴ Localizado no quinto andar da Casa de Cultura Mário Quintana, em Porto Alegre - RS, é um espaço dedicado à preservação ambiental e à reflexão sobre a relação entre natureza e arte. Foi nomeado em homenagem ao ambientalista José Lutzenberger, e abriga mais de cem espécies de plantas nativas do município.

Figura 15 - Dayane Flores, *Caderno do Éden*



Fonte: Dayane Flores, 2024.

Nota: *Caderno do Éden*. Livro de artista, 30 x 21,3 cm. Coleção da artista.

Figura 16 - Dayane Flores, cianotipia, goma bicromatada e fotografia original



Fonte: Dayane Flores, 2024.

Nota: Cianotipia e goma bicromatada sobre papel, e fotografia original.
11 x 14cm; 16,5 x21 cm; 10 x 15 cm. Coleção da artista.

Figura 17 - Dayane Flores, fotografia P/B do Jardim Lutzenberger



Fonte: Dayane Flores, 2024.

Nota: Fotografia P/B, 8,3 x 12,3 cm. Coleção da artista.

3 CADERNO DA TERRA

Minha mãe guarda em uma pasta todos os desenhos e cartões que eu fazia para ela quando criança. Estava revendo-os um certo dia e percebi que a maioria retratava flores e árvores. Achava que isso se desse por serem temáticas mais fáceis de desenhar na época, mas, parando para refletir agora, eram elementos muito presentes ao meu redor. Morei durante alguns anos no bairro Cristo Redentor, zona norte de Porto Alegre. Grande parte das minhas memórias de infância são de lá. Lembro que minha mãe colhia muitas plantas quando saíamos para passear. Eu a ajudava a colher flores de camomila, jasmim, beijinho. Colhíamos frutinhas de amora e pitanga, folhas de hortelã e chuchu, entre outras espécies. Ela usava algumas para fazer chá e outras para plantar, ou nos fundos da nossa casa, ou nos vasos de flor que ficavam na escadaria frontal. Tínhamos também uma árvore pequena de manacá-de-jardim, que ficava ao lado do quarto da minha irmã: quando as flores floresciam, era lindo! Podíamos sentir um cheirinho muito bom vindo delas. Penso que essas e outras vivências me inspiraram a construir o *Caderno da Terra*, um caderno que me levaria a relembrar esses momentos.

3.1 MEMÓRIAS DO ÉDEN

Em *A memória como campo intensivo: algumas direções a partir de Deleuze, Nietzsche e Proust*, Cristina Rauter (2000, p. 32) fala sobre como nossas vivências do passado são recriadas no tempo presente, sobre como repetimos certos modos de amar no decorrer da vida. Esses fragmentos do passado, porém, não podem nos aprisionar: precisamos deixar morrer os amores antigos para que novos amores surjam. Como expresso no seguinte parágrafo:

[...] uma nova luz se fez em mim. E compreendi que todos os materiais da obra literária eram a minha vida passada; compreendi que tinham vindo a mim, nos prazeres frívolos, na preguiça, na ternura, na dor, armazenados por mim sem que eu adivinhasse sua destinação, sua própria sobrevivência, como a semente acumula todos os alimentos que hão de nutrir a planta. Como a semente eu poderia morrer quando a planta se desenvolvesse (Proust, 1993, p. 208 *apud* Rauter, 2000, p. 42-43).

Logo, Rauter (2000, p. 39) diz que “A arte tem assim um sentido ‘terapêutico’, já que serve de referência para a recriação do nosso cotidiano”.

Inicialmente, minha intenção era apenas a de criar um caderno com flores que eu já conhecia e considerava bonitas. No entanto, à medida em que fui construindo as primeiras páginas, comecei a recordar das plantas que marcaram minha infância. Essas lembranças me fizeram refletir sobre diversos acontecimentos recentes, como os incêndios florestais na

Austrália e na Amazônia, o rompimento da barragem em Brumadinho e a pandemia de covid-19. Foi então que, pensando nessas questões, senti o desejo de transmitir algo significativo e belo: quero mostrar a beleza da natureza para as pessoas. A razão para isso é clara: sei que as imagens prensadas das plantas, mesmo não estando mais no seu estado original, podem evocar sentimentos positivos em quem tiver a oportunidade de folhear o caderno. Elas podem inspirar a criação de algo novo, como bem apontado por Cristina Rauter (2000), e resgatar memórias esquecidas, provocando reflexões sobre um futuro em que essas belezas naturais já não existem mais.

Em 2021, durante um projeto desenvolvido na disciplina de Seminário de Museologia da Arte, conheci o trabalho da artista Simone Moraes. Simone se dedica ao resgate de memórias pessoais e saberes ancestrais, criando objetos, desenhos, gravuras, colagens, livros de artista e fotografias. Um de seus projetos, chamado *Herbário* (Moraes, 2017), se assemelhava profundamente com a ideia que eu estava desenvolvendo para o meu caderno. Iniciado em 2016, durante sua residência na EAV Parque Lage, no Rio de Janeiro, o *Herbário* (Figura 18) foi um trabalho que envolveu a coleta de ervas medicinais conhecidas pela população local. Assim como Simone, eu desejava incorporar à minha pesquisa elementos e saberes que me são familiares, como as memórias da minha infância e minhas experiências pessoais, além das referências que surgem da minha vivência religiosa cristã. Quando falamos em jardim, acredito que muitos, assim como eu, imediatamente lembram da história do Jardim do Éden. Meus trabalhos na faculdade, até então, sempre combinaram palavra e imagem, provavelmente por eu atuar com diagramação¹⁵. Logo, eu queria ilustrar uma história conhecida, buscando fazer uma analogia com o ser humano e a natureza, bem como com os problemas contemporâneos que citei anteriormente. O Jardim do Éden seria a perfeita escolha para meu projeto.

¹⁵ Planejamento e organização de elementos visuais — como textos, imagens e ilustrações — em um espaço, criando layouts agradáveis para livros, revistas e anúncios. A autora tem exercido esse trabalho pela Livraria e Editora Ramo da Videira, em Porto Alegre, com publicações nas séries *Jovens e Adultos* e *Revista da Turminha*, obras direcionadas para estudos de Escola Bíblica Dominical (EBD).

Figura 18 - Simone Moraes, *Herbário*

Fonte: Simone Moraes, 2017.

Nota: *Herbário*. 60 exsicatas expostas em 2 módulos de madeira, dobradiças de metal e rodas com trava 230 x 194 x 40 cm, cada.

3.1.1 Prensa botânica

No início, comecei guardando pequenas flores e folhas dentro de livros. Algumas plantas desidratavam bem, mas outras, além de mancharem as páginas, acabavam mofando ou perdendo completamente sua cor original. Foi então que decidi buscar melhores técnicas de desidratação e, assim, descobri a prensa botânica.

Pedi a um amigo, que trabalha com marcenaria, para construir uma prensa botânica de 30 x 30 cm. Dentro da prensa, organizei os materiais da seguinte maneira: papelão, folha de ofício, papel toalha, plantas naturais, papel toalha, folha de ofício e, novamente, papelão (Figura 19). O tempo necessário para fazer a desidratação das plantas variava conforme suas características: espécies mais suculentas e espessas levavam mais tempo, e suas camadas de papel precisavam ser trocadas a cada dois dias para evitar o aparecimento de mofo.

Figura 19 - Dayane Flores, prensa botânica



Fonte: Dayane Flores, 2024.

Nota: Prensa botânica, 30 x 30 cm. Coleção da artista.

Outro ponto importante foi a escolha das plantas. Elas precisavam ter um tamanho próximo ao das páginas do caderno, que mediam 26 x 19 cm, não podiam ser muito suculentas ou espessas, e suas folhas não deveriam ser grandes demais. Algumas espécies foram coletadas nas ruas próximas à minha casa, como a Ernesto Alves, a Cristóvão Colombo e a Gonçalo de Carvalho¹⁶, outras foram recolhidas no Parque Redenção de Porto Alegre; algumas ainda vieram do pequeno jardim da minha mãe e outras recebi de presente.

Conforme as plantas iam secando, eu as colava nas páginas do caderno (Figura 20). Algumas espécies já eram conhecidas por mim, o que facilitava a elaboração das pequenas descrições que as acompanhava; essas descrições continham: nome popular, nome científico, classe, filo, família e significado da planta. Utilizei carimbos de letras, caneta nanquim e lápis grafite para escrever essas informações. Para identificar as espécies que não me eram familiares, utilizei um aplicativo de celular chamado PlantNet¹⁷.

¹⁶ Também conhecida como “a rua mais bonita do mundo”, ela apresenta mais de cem árvores enfileiradas em aproximadamente 500 m, que juntas formam um túnel verde entre as ruas Ramiro Barcelos e Santo Antônio, em Porto Alegre, RS.

¹⁷ Aplicativo que faz a identificação de plantas por fotografia. As fotografias também são analisadas por cientistas do mundo todo, ajudando na evolução da biodiversidade vegetal e da sua preservação. Para mais informações, acesse: <https://plantnet.org/en/>. Acesso em: 20 nov. 2024.

Figura 20 - Dayane Flores, *Caderno da Terra*



Fonte: Dayane Flores, 2024.

Nota: *Caderno da Terra*. Livro de artista, plantas desidratadas sobre papel, 26,3 x 19 cm. Coleção da artista.

3.1.2 Sementes

Em Gênesis, o Criador ordena que a terra produza sementes: “E disse: Produza a terra relva, ervas que deem semente e árvores frutíferas que deem fruto segundo a sua espécie, cuja semente esteja nele, sobre a terra. E assim se fez” (Bíblia [...], Gn 1, 11, p. 3).

A vida começa a partir de uma semente, um elemento pequeno, mas carregado de uma força extraordinária capaz de gerar grandes campos e belas árvores. Elas simbolizam esperança, crescimento e resistência.

Quando estava com o *Caderno da Terra* quase finalizado, percebi que havia se afastado um pouco de seu objetivo original, pois estava se tornando mais um herbário comum. Além disso, comecei a refletir sobre as imagens que cada página transmitia: plantas que antes eram

vivas e coloridas agora se apresentavam secas e desbotadas. Embora o caderno estivesse muito bonito, senti que algo estava faltando. Foi então que a ideia das sementes surgiu.

Decidi criar páginas com sementes incorporadas e, para isso, pesquisei técnicas caseiras de reciclagem de papel, pois eram a melhor opção para fixar as sementes, além de contribuir para o reaproveitamento de papéis que seriam descartados. Para isso, construí uma peneira improvisada, utilizando uma moldura de quadro e um porta-pratos de plástico com furos. Rasguei os papéis velhos em pequenos pedaços e os deixei de molho em água. Depois, bati a mistura no liquidificador e adicionei sementes de chia. Em seguida, coloquei a pasta sobre a peneira, deixando o excesso de água escorrer pelos furos. Cobri a mistura com um pano e virei a peneira, soltando cuidadosamente a folha de papel (Figura 21). Repeti o processo até conseguir o número de páginas que eu desejava. Deixei as folhas secarem naturalmente e, uma vez secas, utilizei um ferro de passar roupa para alisar a superfície.

Figura 21 - Dayane, Flores, papel reciclado com sementes de chia



Fonte: Dayane Flores, 2024.

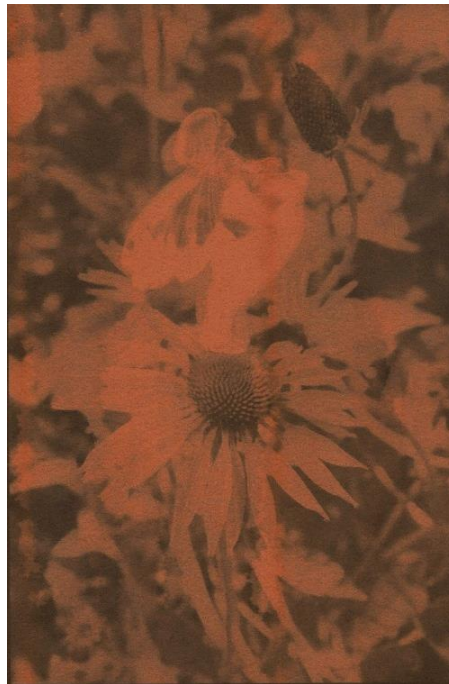
Nota: Papel reciclado com sementes de chia. Coleção da artista.

Queria ainda fazer algum tipo de desenho nas páginas com sementes e pintá-lo com tintas feitas a partir de plantas. Encontrei uma conexão interessante com a exposição *Desenhos de Sal em Variações Photogenicas*, realizada em 2018, sob curadoria da professora Andréa Brächer (Figura 22). Essa mostra apresentou os trabalhos desenvolvidos pelo *Grupo Lumen*¹⁸, que explorou a técnica do *photogenic drawing* (ou desenho fotogênico), criada por William Henry Fox Talbot.

¹⁸ Projeto de Extensão do Instituto de Artes da UFRGS (IA) em colaboração com a Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS (Fabico). O projeto está aberto a receber estudantes interessados em explorar técnicas fotográficas históricas e alternativas, bem como sua aplicação prática.

A técnica consiste em sensibilizar um papel, mergulhando-o em uma solução de água e sal e revestindo um dos lados com nitrato de prata. Em seguida, posiciona-se um objeto sobre a superfície sensibilizada e expõe-se à luz do sol. A imagem resultante é estabilizada com uma solução salina, mas não fixada. O *Grupo Lumen*, no entanto, adaptou o processo, realizando tanto a fixação quanto a estabilização das imagens, além de intervir nelas com tintas aquareladas e emulsões vegetais feitas de beterraba, colorau, cúrcuma, espinafre, erva-mate, vinho tinto e espumante rosé.

Figura 22 - Andréa Brächer, série *No Jardim de Talbot*, Sem título



Fonte: Andréa Brächer, 2018¹⁹.

Nota: Série *No Jardim de Talbot*, Sem título. *Photogenic drawing*, papel de algodão tonalizado com colorau, 18 x 12 cm.

Experimentei confeccionar tintas utilizando beterraba, cenoura e couve. Para isso, cortei os vegetais em pequenos pedaços, adicionei álcool e triturei tudo no liquidificador. Não me preocupei em medir as quantidades com precisão, preferi seguir a intuição durante o processo.

¹⁹ Imagem retirada do catálogo da exposição, disponível em: https://www.yumpu.com/pt/document/read/65236928/desenhos-de-sal-em-variacoes-photogenicas#google_vignette. Acesso em 05 de dez de 2024.

Com as tintas prontas, fiz alguns desenhos a grafite, através de imagens que fotografei no Parque Redenção durante uma das minhas coletas para a prensa botânica. Utilizei as tintas para colorir partes dos desenhos, diluindo-as com água para criar diferentes tonalidades e misturando-as entre si para obter novas cores (Figura 23).

Figura 23 - Dayane Flores, *Caderno da Terra*, desenhos de hibisco, jade e insulina



Fonte: Dayane Flores, 2024.

Nota: *Caderno da Terra*. Lápis grafite, caneta nanquim, tinta artesanal de beterraba, cenoura e couve (álcool e água) sobre papel reciclado com sementes de chia, 26 x 19 cm. Coleção da artista.

4 CADERNO DA QUEDA

4.1 UMA NOVA PAISAGEM: A QUEDA DO SER HUMANO

Os relatos bíblicos de Gênesis narram o momento em que Deus estabelece um limite para o ser humano, visando preservar a estabilidade do Jardim do Éden: “E o Senhor Deus lhe deu esta ordem: De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás.” (Bíblia [...], 2015, Gn 2, 16-17, p. 4).

Porém, tentados pelas palavras da serpente, eles escolhem comer do fruto proibido:

[...] Vendo a mulher que a árvore era boa para se comer, agradável aos olhos e árvore desejável para dar entendimento, tomou-lhe do fruto e comeu e deu também ao marido, e ele comeu. [...] Então, disse o Senhor Deus: Eis que o homem se tornou como um de nós, conhecedor do bem e do mal; assim, que não estenda a mão, e tome também da árvore da vida, e coma, e viva eternamente. O Senhor Deus, por isso, o lançou fora do jardim do Éden, a fim de lavrar a terra de que fora tomado (Bíblia [...], 2015, Gn 3-6, 22, 23, p. 5).

A desobediência de Adão e Eva trouxe consigo uma transformação profunda não só em sua relação com Deus, mas também no mundo ao seu redor. A partir desse momento, o equilíbrio perfeito do Jardim do Éden foi quebrado, e a harmonia que existia entre o ser humano, a natureza e Deus foi perdida. Ao ser expulso do Éden, o homem entrou em um novo mundo, onde a paisagem que antes refletia a perfeição e a abundância tornou-se um espaço de trabalho árduo, sofrimento e desconexão com o que era sagrado e natural. A natureza, que antes estava em harmonia com o ser humano, passou a exigir dele esforço e luta para sua sobrevivência. Esse cenário mudou completamente o Éden original, criando uma nova paisagem que refletia as consequências das escolhas humanas.

Esse processo de transformação pode ser relacionado ao que Anne Cauquelin (2014) descreve em *A Invenção da Paisagem*. Para ela, a paisagem não é apenas um reflexo da natureza, mas uma construção social e cultural, moldada pelas ações humanas e pelas relações que essas ações criam com o meio ambiente. A paisagem, portanto, passa a ser vista não apenas como um espaço físico, mas também como um espaço de significados.

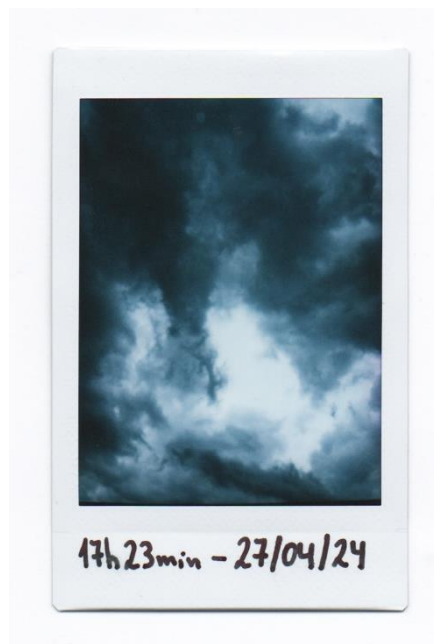
Em 2019, enquanto me preparava para o vestibular, li um livro que me marcou profundamente, chamado *Diário da Queda*, de Michel Laub (2011). Ele narra as experiências de três gerações de sua família: avô, pai e filho. Cada uma dessas gerações sofre uma queda distinta. As quedas no livro simbolizam traumas e sofrimentos, enquanto eles encontram na escrita uma forma de lidar com os seus conflitos interiores.

Essas leituras voltaram à minha mente quando tive a ideia para o *Caderno da Queda*. Decidi que ele deveria retratar representações da queda do ser humano na contemporaneidade, abordando desde a destruição ambiental até os atos que comprometem nossa própria humanidade. No entanto, definir quais seriam essas representações foi um pouco difícil, pois eu não queria tratar o tema como uma verdade absoluta. E foi bem nesse período de incertezas que uma grande enchente atingiu meu estado, o Rio Grande do Sul.

4.1.1 Enchente RS 2024

No dia 27 de abril, completei vinte e quatro anos. Combinei com meus pais e sobrinho de fazermos um passeio ao Zoológico de Sapucaia, pois nunca havíamos tido a oportunidade de visitá-lo. Porém, quando chegamos em Esteio, uma chuva intensa nos obrigou a retornar para casa. Na estação de trem, fiz uma foto polaroid (Figura 24) do céu nublado, sem saber que aquele era o início da enchente.

Figura 24 - Dayane Flores, polaroid do céu no dia 27 de abril de 2024

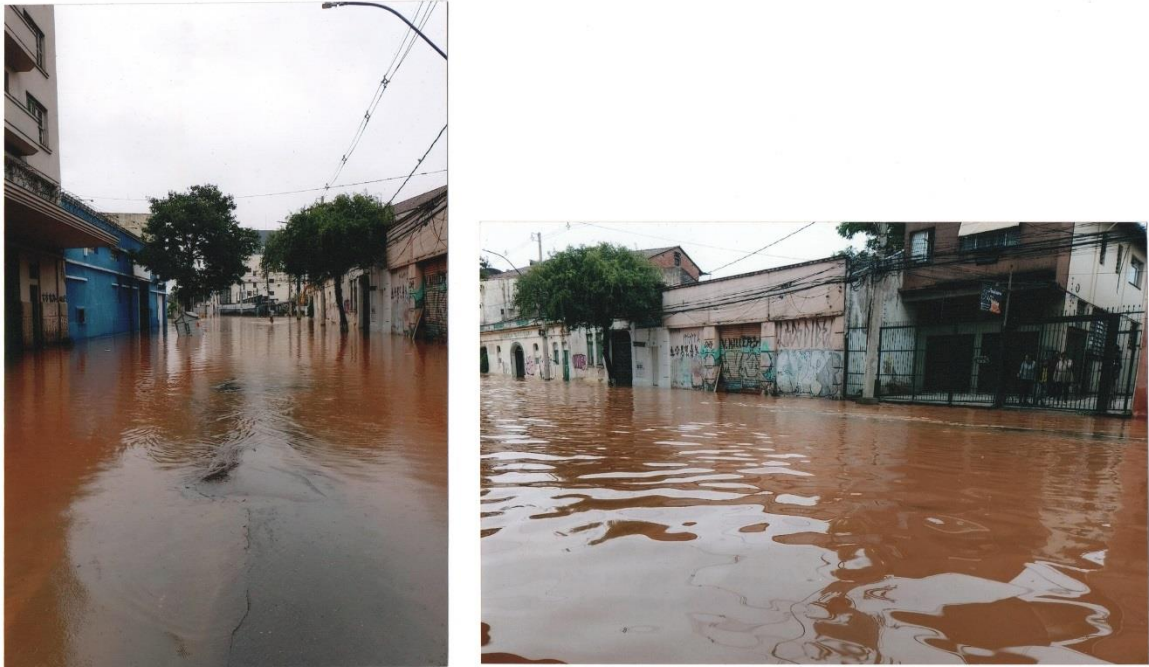


Fonte: Dayane Flores, 2024.

Nota: Fotografia polaroid, 5,4 x 8,6 cm. Coleção da artista.

No dia 3 de maio, a água começou a subir rapidamente na rua da minha casa (Figura 25)

Figura 25 - Dayane Flores, fotografias das águas subindo na Ernesto Alves

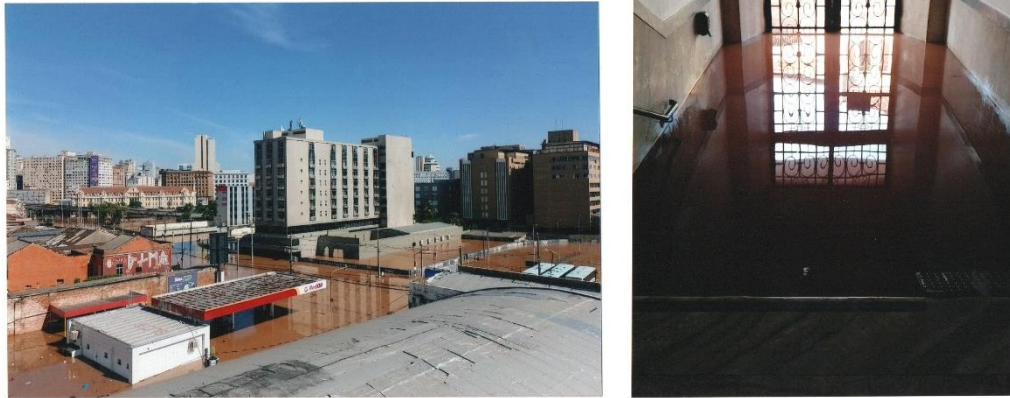


Fonte: Dayane Flores, 2024.

Nota: Fotografias das águas subindo na Ernesto Alves. 15 x 10 cm. Coleção da artista.

Fiquei cinco dias ilhada com minha família, sem acesso à internet, telefone, energia elétrica e água. Não estávamos preparados para enfrentar uma catástrofe dessa proporção. A despensa tinha poucos alimentos, e os celulares não estavam carregados. Por sorte, alguns vizinhos, ao verem a água subindo, deixaram seus alimentos e produtos de higiene conosco antes de saírem do prédio. Nosso único contato com o mundo exterior era um pequeno rádio recarregável, que usávamos esporadicamente para economizar bateria. Eu anotava as informações transmitidas pelos apresentadores para não as esquecer e as compartilhava com os poucos vizinhos que permaneceram no prédio. Antes do meu celular desligar por completo, consegui fotografar a vista do terraço e da porta de entrada do prédio (Figura 26).

Figura 26 - Dayane Flores, fotografias do terraço e da porta de entrada do prédio



Fonte: Dayane Flores, 2024.

Nota: Fotografias do terraço e da porta de entrada do prédio. 15 x 10 cm. Coleção da artista.

Outra fotografia registra a visão da minha janela para a rua completamente alagada (Figura 27):

Figura 27- Dayane Flores, polaroid da janela de casa para a Rua Voluntários da Pátria



Fonte: Dayane Flores, 2024.

Nota: Fotografia polaroid, 5,4 x 8,6 cm. Coleção da artista.

Essa experiência trouxe clareza para o conceito do terceiro caderno. Decidi continuar registrando todo o desenrolar da tragédia, mesmo sem saber o que o futuro reservava. Preparei minha bolsa para uma possível evacuação do prédio, incluindo a câmera polaroid, os filmes, celular, papel e caneta. E de fato, no dia 7 de maio, fomos retirados de lá e levados para um abrigo improvisado em uma igreja, que ficava entre os bairros Restinga e Pitinga. Éramos eu, meus pais, minha avó, meu sobrinho, nossas quatro gatas e nossa cachorra. Lá havia luz e água. Conseguimos uma cadeira de rodas para minha avó, que estava bastante debilitada, e caixas de transporte para as gatas. Contudo, havia usuários de drogas e moradores de rua no local, e conflitos e furtos eram frequentes, o que nos deixava bastante aflitos e nervosos. Felizmente, consegui entrar em contato com alguns amigos da minha igreja, que nos ofereceram abrigo em uma casa no bairro Belém Velho, lugar em que ficamos até o dia 30 de maio.

Durante esse período, desde que chegamos ao abrigo e conseguimos ter acesso aos meios de comunicação, ficou claro para mim que a realidade vívida pelas pessoas não estava sendo plenamente retratada pela mídia. As notícias e declarações oficiais apresentaram uma versão distorcida dos acontecimentos e dos resgates, muitas vezes mascarando a gravidade da situação. Como vítima direta, eu sabia que, nos momentos mais críticos, foi a solidariedade entre as pessoas que realmente fizeram a diferença. Eu tinha os registros.

No dia 20 de maio, quando as águas começaram a baixar, fui aos bairros Centro e Floresta, em Porto Alegre, para avaliar o estado de nossa casa e verificar se poderíamos voltar. Nesse dia, fotografei a Prefeitura, o Mercado Público e a Rua Voluntários da Pátria, inspirada pelas imagens de Sioma Breitman²⁰, fotógrafo que registrou a Grande Enchente de 1941 em Porto Alegre (Figuras 28, 29 e 30).

²⁰ Fotógrafo reconhecido como grande retratista do estado do Rio Grande do Sul e da cidade de Porto Alegre. Nasceu na cidade de Olgopol, em 1903, Ucrânia, e faleceu em 31 de janeiro de 1980.

Figura 28 - Sioma Breitman, fotografia da Rua Uruguai e Paço Municipal em 1941



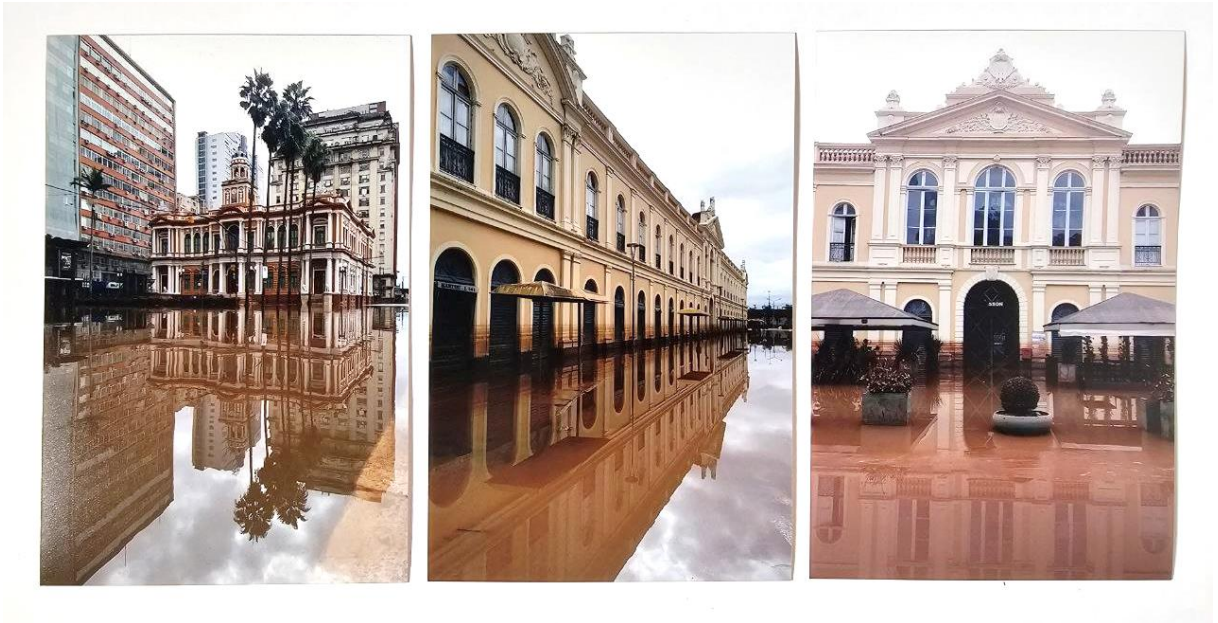
Fonte: Sioma Breitman, 1941²¹.

Nota: Rua Uruguai e Paço Municipal. Acervo Família Breitman/Reprodução/JC.

²¹ Disponível em:

https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/especiais/reportagem_cultural/2022/04/842214-sioma-breitman-o-fotografo-que-retratou-cinco-decadas-de-porto-alegre.html. Acesso em: 04 dez. 2024.

Figura 29 - Dayane Flores, fotografias da Prefeitura e do Mercado Público de Porto Alegre



Fonte: Dayane Flores, 2024.

Nota: Fotografias da Prefeitura e do Mercado Público de Porto Alegre, 15 x 10 cm. Coleção da artista

Figura 30 - Dayane Flores, polaroids da enchente de 2024



Fonte: Dayane Flores, 2024.

Nota: Polaroids da enchente de 2024, 5,4 x 8,6 cm. Coleção da artista.

No dia 9 de setembro, registrei os canteiros de plantas na Praça da Alfândega em Porto Alegre, com galhos ressecados e árvores marcadas pela água (Figura 31). Assim como esses canteiros, muitos outros pela cidade ainda exibem plantas mortas, enquanto os prédios apresentam uma linha amarronzada, indicando o nível da enchente.

Figura 31 - Dayane Flores, fotografias da Praça da Alfândega em Porto Alegre



Fonte: Dayane Flores, 2024.

Nota: Fotografias da Praça da Alfândega em Porto Alegre, 15 x 10 cm. Coleção da artista.

Reuni todos esses registros e os guardei em uma caixa de MDF em formato de livro, que pode ser trancada com um cadeado (Figura 32). Essa escolha me remeteu à Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal, do Jardim do Éden. Assim como Adão e Eva enfrentaram a decisão de comer ou não o fruto proibido, quem encontrar o *Caderno da Queda* terá a opção de abrir ou não sua fechadura. Essa escolha carrega uma tensão, quase um jogo de tentação.

Além disso, o caderno carrega a essência de um diário secreto, um baú de memórias. Quem as descobrir conhecerá minha queda, que pode se assemelhar à sua ou evocar lembranças de outra queda pessoal.

Figura 32 - Dayane Flores, *Caderno da Queda*



Fonte: Dayane Flores, 2024.

Nota: *Caderno da Queda*. Livro de artista (livro-objeto), 21,2 x 20 x 5 cm. Coleção da artista.

4.1.2 Céu de cinzas

Durante a pandemia de covid-19, comecei a fotografar o céu pela janela do meu quarto. Queria registrar suas diferentes cores, tirando uma foto por dia até que pudéssemos voltar a circular livremente pelas ruas. No entanto, não consegui dar continuidade ao projeto, pois não tinha uma câmera adequada, e os dias de quarentena se estenderam demais. Mesmo assim, a ideia de fazer registros do céu não foi completamente descartada.

Ao planejar os três livros para o trabalho final do curso, considerei criar um outro que se chamaria *Livro do Céu*, mas, novamente, acabei descartando esse projeto por não conseguir conectá-lo aos outros dois. Apesar disso, já havia feito algumas fotografias do céu com a câmera polaroid.

Li a dissertação de mestrado da professora Katia Prates, *Paisagens: imagens sob corte*, que trata da representação de uma cena cotidiana quando seus limites habituais de referência são alterados, daí o "recorte": a pesquisa trata ainda do céu diurno sem nuvens e da cor azul (Figura 33).

Figura 33 - Katia Prates, série *Paisagem: dia*



Fonte: Katia Prates, 2004²².

Nota: Katia Prates, série *Paisagem: dia*, 2003. Fotografia, 300 x 180 cm. Coleção da artista.

²² Imagem retirada da dissertação da artista no Lume UFRGS. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/17922>. Acesso em: 09 dez. 2024.

Próximo à conclusão do atual projeto, um alerta sobre as queimadas na Amazônia chamou minha atenção. O país vivia um período crítico, com os maiores índices de incêndios registrados na história. Em consequência, vários estados ficaram cobertos por nuvens de fumaça, transformando o céu em um cinza opaco, semelhante a um dia nublado. Nesse contexto, lembrei das minhas fotografias do céu e decidi reintegrar esse elemento ao meu trabalho. Entretanto, dessa vez, não seria um céu moldado pela natureza, e sim um céu alterado pela ação humana. Ele se resumia a duas tonalidades: o cinza da fumaça e o laranja do sol, devido à poluição.

Com esses registros em mente, utilizei uma pequena caderneta (Figura 34) como suporte; molhei as páginas, queimei suas bordas e coloquei minhas impressões sobre aquele momento, em que o ar estava seco, carregado de fuligem, e o clima abafado e quente. Também fiz desenhos do céu usando giz pastel seco, e desenhos de pássaros no meio das páginas queimadas, representando os animais que morreram ou perderam seus habitats nos incêndios. Coloquei a caderneta dentro do *Caderno da Queda*.

Figura 34 - Dayane Flores, caderneta



Fonte: Dayane Flores, 2024.

Nota: Caderneta, 14 x 9 cm. Coleção da artista.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto *Cadernos do Éden: memórias e registros de paisagens*, foi desenvolvido a partir da narrativa bíblica do Jardim do Éden. Busquei refletir sobre como o ser humano se conecta com o seu "jardim" na contemporaneidade, utilizando a prática do livro de artista (seja como caderno de artista ou livro-objeto) para registrar memórias e paisagens. Meu objetivo principal foi criar três cadernos: *Caderno do Éden*, *Caderno da Terra* e *Caderno da Queda*.

No *Caderno do Éden*, além de revisitar práticas fotográficas que conheci durante a graduação, como *chlorophyll print*, cianotipia e goma bicromatada, tive minha primeira experiência com a fotografia polaroid, técnica de fotografia instantânea criada por Edwin Land. Também explorei a arte do livro *pop-up*, aprendendo sobre suas origens em manuais de medicina e astrologia. Esse caderno representou um espaço para experimentar técnicas e expandir minhas possibilidades criativas.

O *Caderno da Terra* me trouxe aprendizados a partir de erros e acertos. Descobri como desidratar flores e folhas utilizando a prensa botânica e conheci o significado de diferentes plantas, além de aprender quais são mais adequadas para esse processo. Também confeccionei papel reciclado de maneira artesanal e explorei pela primeira vez tintas naturais a base de beterraba, cenoura e couve.

O *Caderno da Queda* foi o mais marcante, pois nasceu durante a enchente no Rio Grande do Sul de 2024, uma experiência traumática. Assim como no livro *Diário da Queda*, de Michel Laub (2011), transformei essa “queda” em algo significativo através da arte. Este caderno não é apenas um registro de memórias, mas também um convite para que o ser humano amplie seu olhar para além de si, valorizando a natureza e as pessoas ao redor. Ele também abriu caminho para a temática do céu, assunto que me interessa pesquisar futuramente, ao registrar os céus cinzentos das queimadas na Amazônia.

Esses quatro anos de graduação foram marcados por grandes eventos globais, como a pandemia de covid-19 e a enchente de 2024. Contudo, em momentos de dificuldade, contemplei a natureza, olhei para diferentes jardins, para o céu, conversei com amigos, e encontrei esperança. Esse contato com o entorno e com as pessoas me fez perceber que os *Cadernos do Éden* ajudaram a desacelerar e a valorizar a vida.

No âmbito acadêmico, descobri-me como artista e explorei práticas que desejo continuar, como a fotografia alternativa e a criação de livros de artista. Espero que este projeto inspire outros estudantes a se aventurarem nessa prática, utilizando meus cadernos como exemplo inicial e aprofundando o conhecimento no tema.

Reconheço que, com mais tempo, poderia ter me aprofundado em alguns aspectos e realizado mais experimentações. Poderia ter produzido mais páginas no *Caderno do Éden*, além de criar mais desenhos e fotografias em *chlorophyll print*. Poderia também ter experimentado outras cores de emulsões vegetais no *Caderno da Terra* e, talvez, desenhado ou fotografado as plantas que desidratei. Poderia ter incluído mais "quedas" no *Caderno da Queda* e trabalhado com mais cuidado as páginas da caderneta. Entretanto, não me detenho nas limitações: estou satisfeita com os resultados alcançados e acredito que os *Cadernos do Éden* permanecem abertos, prontos para receber novas memórias e serem transformados em arte. Desejo seguir utilizando a natureza como suporte principal para a criação artística.

Apesar das dificuldades, considero que o projeto atingiu seus objetivos. Ele é um registro vivo da minha trajetória artística e um convite à reflexão sobre a importância da natureza e da memória. Acredito que esta seja apenas a primeira etapa de uma longa jornada de criação e pesquisa.

REFERÊNCIAS

- BARROS, H. *Sioma Breitman, o fotógrafo que retratou cinco décadas de Porto Alegre*. Disponível em: https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/especiais/reportagem_cultural/2022/04/842214-sioma-breitman-o-fotografo-que-retratou-cinco-decadas-de-porto-alegre.html. Acesso em: 4 dez. 2024.
- BÍBLIA Sagrada. Tradução Almeida Revista e Atualizada. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2015.
- BOSCH, Hieronymus *Triptych of Garden of Earthly Delights*. Web Gallery of Art. Disponível em: https://www.wga.hu/index_search.html. Acesso em: 1 out. 2024.
- CAUQUELIN, Anne. *A invenção da paisagem*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2014.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 39ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2024.
- Desenhos de sal em variações fotogênicas / Curadoria e organização Andréa Brächer e Sandra Maria Lúcia Pereira Gonçalves – Porto Alegre: Lúmen, PROEXT, UFRGS, 2018.* Disponível em: https://www.yumpu.com/pt/document/read/65236928/desenhos-de-sal-em-variacaoes-photogenicas#google_vignette. Acesso em: 03 dez. 2024.
- JR., J. A. *Polaroid: os 70 anos da fotografia instantânea*. Disponível em: <https://revistacontinente.com.br/edicoes/202/polaroid--os-70-anos-da-fotografia-instantanea>. Acesso em: 28 nov. 2024.
- LAUB, Michel. *Diário da queda*. 1.ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- MONET, Claude *Water Lilies*. Web Gallery of Art. Disponível em: https://www.wga.hu/index_search.html. Acesso em: 1 dez. 2024.
- MORAES, Simone. *Herbário*. simonemoraes.net, [S.l.], 2017. Disponível em: <https://www.simonemoraes.net/herbario>. Acesso em: 09 dez. 2024.
- Parque Farroupilha (Redenção)*. Disponível em: <https://prefeitura.poa.br/smamus/parque-farroupilha-redencao>. Acesso em: 20 nov. 2024.
- PEREIRA, Marcelo Eugênio Soares. *Acumular tesouros: um olhar sobre os cadernos de desenho*. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/131745>. Acesso em: 09 dez. 2024.
- PL@NTNET. Aplicativo para identificação de plantas. Disponível em: <https://plantnet.org/en/>. Acesso em: 20 nov. 2024.

PRATES, Katia Maria Kariya. *Paisagens: imagens sob corte*. 2004. Dissertação (Mestrado em Poéticas Visuais) - Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/17922>. Acesso em: 09 dez. 2024.

RAUTER, Cristina. *A memória como campo intensivo: algumas direções a partir de Deleuze, Nietzsche e Proust*. In: FONSECA, T. e FRANCISCO, D. J. (orgs.). *Formas de ser e habitar a contemporaneidade*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000. p. 27-42.

REDENÇÃO, In.: Michaelis. Porto Alegre: Editora Melhoramentos, 2024. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=reden%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 22 dez. 2024.

SÁNCHEZ, M. P.; JARONES, M. *Joyas de los libros móviles*. Disponível em: <https://www.bne.es/es/blog/blog-bne/joyas-de-los-libros-moviles>. Acesso em: 30 nov. 2024.

SANTESTEBAN, FEDE RUIZ. *El extraño caso del jardineiro*. federuizsantesteban.com, [S.l.], [entre 2012 e 2016]. Disponível em: www.federuizsantesteban.com. Acesso em: 05 ago. 2024.

SILVEIRA, Paulo. *A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista*. 2ª ed. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008.

Uma breve história dos livros 'pop-up'. Blog. Artes manuais. Disponível em: <https://www.domestika.org/pt/blog/3866-uma-breve-historia-dos-livros-pop-up>. Acesso em: 30 nov. 2024.